

O Silêncio dos Cidadãos do Outro Lado: um estudo sobre construção social da depressão no espectro do silenciamento organizacional¹

Talles Rangel Rodrigues²
Universidade de São Paulo, São Paulo/SP

Resumo

A partir das Três Ecologias, delineadas por Guatarri (1989; 2012), este trabalho propõe uma discussão teórica estruturada em três pilares que permeiam os estudos de Comunicação Organizacional, a Psicologia Social e do Trabalho, bem como a Saúde Coletiva para refletir sobre uma abordagem comunicacional do adoecimento no âmbito organizacional. Parte-se dos estudos teóricos edificados pela corrente denominada Escola de Montreal que fornece subsídios para o pensamento dos fenômenos da Comunicação Organizacional. Em seguida, articulam-se os estudos ampliados sobre a concepção de cuidado, desenvolvidos por Ayres (2009; 2017) e as contribuições de Seligmann-Silva (2011) sobre trabalho e desgaste mental, especialmente as dimensões relacionadas à psicodinâmica do trabalho e as concepções integradoras das abordagens do desgaste.

Palavras-chave:

Comunicação Organizacional; Silenciamento; Depressão; Adoecimento.

A doença é a zona noturna da vida, uma cidadania mais onerosa.
Todos que nascem têm dupla cidadania, no reino
dos sãos e no reino dos doentes.
Apesar de todos preferirmos só usar o passaporte bom,
mais cedo ou mais tarde nos vemos obrigados,
pelo menos por um período, a nos identificarmos
como cidadãos desse outro lugar.

A Doença Como Metáfora. Susan Sontag

INTRODUÇÃO

Neste trabalho busca-se articular três frentes de conhecimentos que se emanam no âmbito das Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas e Ciências da Saúde para se problematizar perspectivas da área de Comunicação. Em sentido *stricto*, tratam-se dos estudos teóricos edificados pela corrente denominada Escola de Montreal que fornece subsídios para o pensamento dos fenômenos da Comunicação Organizacional. Nessa perspectiva, pretende-se

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho (GT) Comunicação Intercultural e Interseccionalidade, atividade integrante do XIII Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas.

² Doutorando em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, graduado em Comunicação Social – Jornalismo Pela Universidade Federal de Rondônia. Integra o Grupo Diversidades, interculturalidade, comunicação e linguagens culturais (DICULT). Email: talles.rangel@usp.br

delinear as reflexões centrais edificadas primeiramente por Taylor (1993), Taylor e Van Every (1993; 2000), bem como Cooren, Taylor e Every (2006). Primeiramente, apresenta-se uma contextualização histórica da Escola de Montreal frente aos estudos de comunicação organização no qual pretende-se mostrar, sobretudo descontinuidades e rupturas que essa corrente teórica sinalizou a partir dos anos 1990.

Ao mirarmos as reflexões da Escola de Montreal como um ponto de partida, busca-se ainda articular os estudos ampliados sobre a concepção de cuidado, esta vista a partir dos trabalhos de Ayres (2017). Interessa aqui a noção ampliada de cuidado para além da saúde. Nesse sentido, aproveita-se especialmente o alargamento deste conceito para a psicodinâmica do trabalho para então alinharmos tais reflexões com nosso espectro de pesquisa. Assim, ao pensar na ampliação do conceito de cuidado “em cada um dos diferentes campos dos quais emerge a discussão do cuidado a aproximação assumirá pressupostos, características e interesses diversos [na medida em que] imprime também seus próprios perfis à questão” (AYRES, 2017, p. 01). Essa explicação de Ayres nos abre caminhos para pensarmos uma articulação possível entre comunicação, cuidado e a psicodinâmica do trabalho.

Uma terceira frente de estudos na qual buscamos lastro são as reflexões de Seligmann-Silva (2011) sobre trabalho e desgaste mental, especialmente as dimensões relacionadas à psicodinâmica do trabalho, às concepções integradoras das abordagens do desgaste - nesse sentido, nos interessa uma articulação com o pensamento de Ayres (2017; 2009) sobre cuidado, bem como as categorizações que Seligmann-Silva oferece para se trabalhar a caracterização do desgaste mental a partir de sua “tríade-etologia”. Desta forma, na primeira parte deste trabalho traça-se um panorama dos principais conceitos que norteiam essas três frentes de estudos para, então, buscarmos uma articulação dessas três frentes para que possam enriquecer os debates no âmbito das Ciências da Comunicação, com foco na dimensão saúde-adoecimento no âmbito das organizações. A articulação entre essas três frentes de conhecimentos dar-se-á a partir do conceito das Três Ecologias, também conhecido como Ecosofia, proposto por Guatarri (1989; 2012).

Por uma Ecologia da Comunicação

Quando o filósofo francês Félix Guatarri constituiu no fim dos anos 1980 a noção das três ecologias, ao menos no universo da área de Comunicação, embora houvesse algumas que

fugissem ao funcionalismo³, havia uma hegemonia do estrutural funcionalismo no campo da Comunicação no Brasil. Ainda que as três ecologias de Guatarri (1989; 2012) não estejam tratando especificamente do campo comunicacional vemos a importância dessa perspectiva para pensar o deslocamento epistemológico visto nas últimas décadas em relação aos estudos de comunicação organizacional em relação às mudanças no tocante aos sujeitos e aos objetos. Nesse sentido, apontamos especificamente, a mudança no olhar sobre o receptor, a emergência da concepção de um olhar horizontal e não mais vertical da comunicação. O receptor como emissor. A organização como emissora e também receptora. Essas novas configurações buscaram refutar o modelo tecnicista na busca de um modelo integrado. Desta maneira, vemos na concepção das Três Ecologias, ou Ecosofia, um olhar estruturante para se pensar uma integralidade dos processos de comunicação organizacional, bem como uma horizontalidade cada vez mais observável. Nessa linha de raciocínio, o que propõe Félix Guatarri com suas três ecologias? Entendemos como um olhar que parte da alteridade para se (re)pensar as relações entre sujeitos e suas inter-relações com os espaços concretos e simbólicos de interação social. Assim, a Ecosofia guatarrianiana estrutura-se na tríade concepção articulada igualmente a partir do meio ambiente, das relações sociais e da subjetividade humana. Desta maneira, ao alinhavar as imbricações entre a subjetividade humana imersa em determinado meio social no qual ocorrem interações sociais, a nosso ver, encontramos uma configuração estruturante que fuja ao maniqueísmo da herança estrutural funcionalista, que marcou os estudos de Comunicação no Brasil, conforme já pontuou Lopes⁴ (2005), e possa refletir de modo integrador a perspectiva do sujeito em seus processos comunicativos e de silenciamento no âmbito dos estudos de comunicação organizacional.

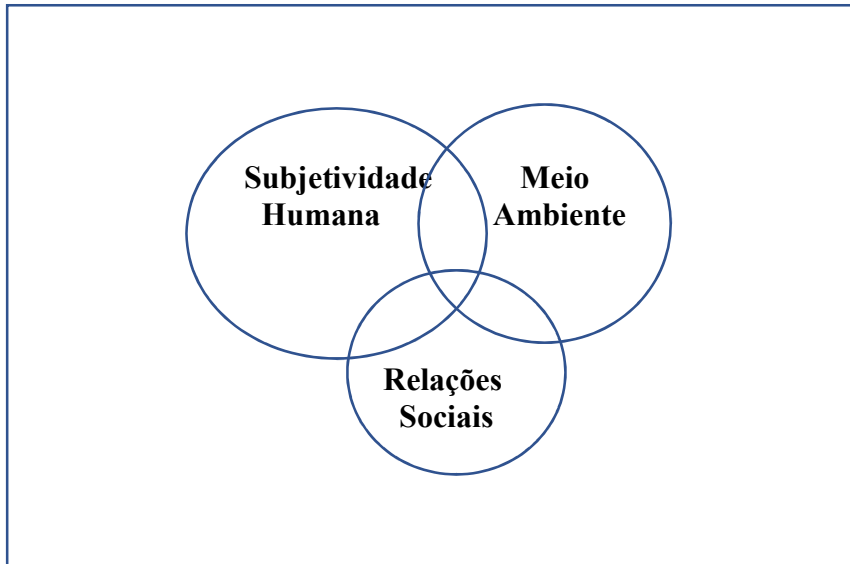
Assim, o papel das Três Ecologias em nosso trabalho se deve a seu potencial em integrar as frentes de conhecimento nas quais pretendemos permear e tensionar. Nesse eixo de pensamento, a ecosofia de Guatarri (1989; 2012) nos parece um caminho que escapa à

³ A partir dos estudos da Teoria da Comunicação é importante destacar que fora à lógica do Mass Communication Research, desde os primórdios havia perspectivas diametralmente opostas ao estrutural-funcionalismo, como a Escola de Frankfurt e, nos anos 1960, os estudos da cultura e comunicação de massas desenvolvidos por Edgar Morin (2008) e Umberto Eco (2011).

⁴ Embora utilize a edição de 2005 como referência, esta obra de Maria Immacolata Vassallo de Lopes, professora titular-sênior da ECA-USP, foi reeditada inúmeras vezes. Tais reflexões advêm de sua tese de doutorado, defendida em 1988, na qual ela desenvolveu um profundo estudo sobre as pesquisas em Comunicação no Brasil, bem como estabeleceu um método de pesquisa haja visto que na década de 1980 a pós-graduação no Brasil ainda estava em seu início, uma vez que os cursos de mestrado foram criados a partir de 1972 e os de doutorado a partir de 1980. Nesse estudo, a pesquisa aponta para a dimensão tecnicista no ensino de Comunicação e observou ainda a forte herança estrutural-funcionalista nos estudos de Comunicação desenvolvidos até então. Por muitos anos, o trabalho da professora Maria Immacolata foi referência quase isolada nos estudos de metodologia da Comunicação. Embora hoje haja outros pesquisadores, seu trabalho é ainda uma grande referência para o campo.

linearidade e, a nosso ver, propicia um olhar às ambivalências, contradições e descontinuidades. Isso porque, vemos que as três ecologias se emanam conforme o Infográfico 1.

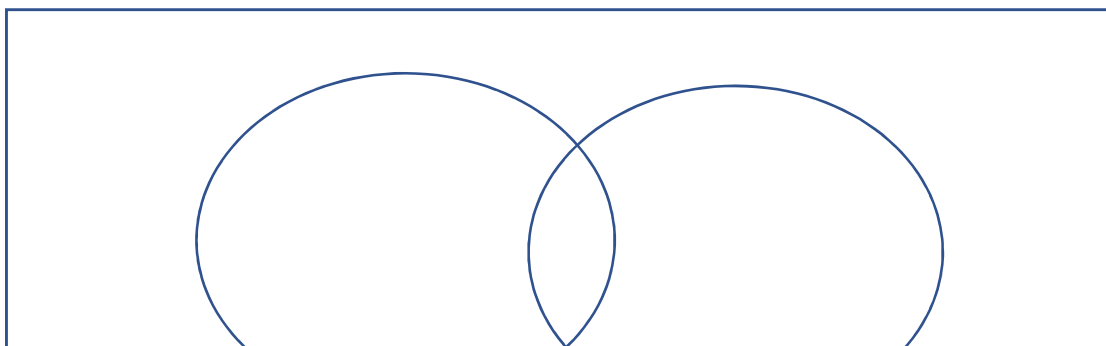
INFOGRÁFICO 1 – Ecosofia de Flélix Guatarri



Fonte: adaptação feita pelo autor a partir de Guatarri (1989, 2012)

A partir dos eixos delineados por Félix Guatarri (1980,2012) é que buscamos articular as frentes principais deste trabalho constituídas pelas noções de Comunicação e Organização - Communications as Organization- da Escola de Montreal, a visão ampliada de Cuidado de Ayres (2017; 2009), bem como os estudos sobre desgaste mental e trabalho edificados por Seligmann-Silva (2011). A partir da Ecosofia de Guatarri (1989; 2012) e das três frentes acima descritas, imagino a constituição de um quadro teórico que se articule conforme o infográfico 2.

INFOGRÁFICO 2 – Articulações Teóricas



**Escola de
Montreal**

**Revisão do conceito
de cuidado. Psicodinâmica do trabalho.**



Desgaste Mental e Trabalho

Fonte: adaptação feita pelo autor a partir de Casali (2007); Ayres (2017; 2009), Seligmann-Silva (2011).

Tendo como pressuposto o Infográfico 2, conduziremos nossas reflexões nas quais a Comunicação configurar-se-á como elemento constitutivo das organizações. E nesse eixo de raciocínio abordaremos as contribuições de Seligmann-Silva (2011) sobre desgaste mental e, posteriormente, o pensamento sobre cuidado de Ayres (2017; 2009). Desta forma, o que pretendemos demonstrar é que os processos de adoecimento perpassam, também, pela dimensão comunicacional, bem como a dimensão do cuidado pode ser vista como processos de comunicação. Nesse sentido, alegoricamente, a Comunicação é, ao mesmo tempo, um palco no qual se transcorrem as ações do cotidiano, como também é um elemento central dos atores sociais que integram e ocupam esse palco. É a Comunicação elemento de significações e sentidos. São processos de fluem no ir e vir. Embora a comunicação possa assumir funções não é a sua dimensão funcionalista que nos interessa. Nosso mote de interesse centra-se na complexidade da Comunicação como processo. Por isso, a Escola de Montreal é especialmente lembrada para refletir sobre os processos de comunicação organizacional na medida em que aborda comunicação como parte do indivíduo e não como uma ação que é pensada para uma finalidade. Desta forma, saímos de um cenário onde a comunicação era pensada meramente como uma informação que era emitida por um emissor, em um canal, para atingir um receptor que a recebia sem resistência⁵, para uma visão, na entendemos, que a Comunicação é um processo e é parte constitutiva do sujeito. Nesse

⁵ Essa concepção de comunicação vertical por muitas décadas assomou-se hegemonicamente nos estudos de Comunicação. Teve início no fim dos anos 1920, a partir dos estudos de Harold Laswell (1902-1978) que criou um modelo de comunicação que consistia nas respostas das seguintes questões: quem, diz o quê, em que canal, com que efeito. Embora seja um modelo simplista e superficial, tal modelo influenciou visceralmente a compreensão de Comunicação nas pesquisas durante algumas décadas do século XX.

sentido, no âmbito da Comunicação Organizacional, a Escola de Montreal é uma das correntes que mais buscou se aproximar do sujeito.

Escola de Montreal

Ao descer na estação *Edouard Monpetit*, da linha azul no metrô, que liga *Snowdon* à *Saint-Michel*, é possível ver da entrada do *Pavillon Marie-Victorin* a imponente Torre do *Pavillon Roger-Gaudry*, símbolo histórico da arquitetura da edificação da Universidade de Montreal. Naquele local, entre o fim dos anos 1980, mais precisamente no começo dos anos 1990, efervesceu uma corrente de pensamento que romperia com a tradição, até então maciça, do estrutural funcionalismo, bem como apontaria para um horizonte distinto das concepções até então herdadas do fordismo e da escola de Relações Humanas nos estudos de Comunicação Organizacional a partir dos trabalhos pioneiros de James Renwick Taylor e sua esposa, Elizabeth Van Every, atualmente professores eméritos da Universidade de Montreal (UdeM).

Communication as organization traduzido literalmente Comunicação como organização é um dos pilares importantes para se enveredar pela dimensão interpretativa da comunicação organizacional apreendida pela Escola de Montreal. Nesse sentido, uma das questões centrais dessa corrente seja a de se apreender os fenômenos emergidos na organização por meio de processos comunicativos. Desta forma, proponho aqui uma espécie de “realfabetização” *epistêmica* para compreender os pressupostos da Escola de Montreal. Embora essa proposta pareça pedante, vemos como necessária para melhor compreensão uma vez que rompe drasticamente com a herança estrutural-funcionalista. Nesse eixo de raciocínio, por não ser uma prescritiva, como são as de orientação estrutural-funcionalista, em determinados pontos pode parecer abstrata, embora não seja. Assim, vemos a necessidade de traçar uma breve explanação sobre as bases sobre as quais a Escola de Montreal emergiu, bem como a apresentação de seus principais conceitos. A Escola de Montreal, assim como qualquer corrente teoria, circunscreve-se historicamente num tempo-espço. Até meados da década de 1970, os estudos em comunicação organizacional foram marcados pelo tecnicismo, os quais enxergavam a comunicação como uma ferramenta que pudesse ser utilizada para obter um fim específico que beneficiasse a organização. A partir dos anos oitenta, do século XX, nos Estados Unidos, surgem perspectivas teóricas através dos estudos de Linda Putnam e Stanley Deetz que apontavam para uma dimensão interpretativa da comunicação organizacional (c.f. SCROFERNECKER, 2006).

Nessa vereda, Casali (2007) explica que o contexto da Escola de Montreal afasta “da pesquisa positivista e passam a utilizar métodos relativistas para compreender os significados das ações sociais sob a ótica dos atores sociais. Propagam-se ideias oriundas da etnografia, fenomenologia, semiótica e hermenêutica” (2007, p. 03). Nesse sentido, o olhar da Escola de Montreal foge às concepções do *management* e passa a enxergar os diversos processos e fenômenos interpretativos entre sujeito e organização, sendo esta uma de suas marcas mais latentes. Tais concepções certamente estão enredadas na pluralidade de sua formação na medida em que:

a “Escola de Montreal” é fiel a sua procedência Canadense, em particular do Quebec. O arcabouço teórico que fundamenta suas pesquisas é uma síntese da produção intelectual encontrada na Europa e nos Estados Unidos. Dentre as influências européias se encontram a Teoria da Tradução de Michel Callon, a Sociologia do Conhecimento Científico de Bruno Latour, a Teoria da Atividade de Yrjö Engeström, a Teoria da Estruturação de Anthony Giddens, a noção de linguagem como ato performativo do inglês John Austin, a semiologia do suíço Ferdinand de Saussure, entre outros. A herança norte-americana pode ser identificada pela inspiração nas obras do geógrafo e economista canadense Harold Adams Innis, no Pragmatismo americano, na Teoria dos Atos da Fala de John Searle, na Análise do Discurso, na Cibernética e na Psicologia Social. Esta fusão conceitual gerou uma concepção teórica distinta da comunicação organizacional com ênfase na linguagem e no discurso sem abandonar os aspectos objetivos e materiais da realidade. (CASALI, p. 03).

É nesse contexto que emerge uma teoria comunicativa das organizações. Isso implica um novo entendimento sobre o que seja organização na perspectiva da Escola de Montreal. Por vezes, esse conceito é polissêmico e organização não necessariamente é sinônimo de empresa, ainda que tais pesquisadores olhassem para as corporações para compreender os fenômenos que lá emergiam e interagiam. Nesse sentido, um dos pontos de partida da Escola de Montreal é o da Equivalência, segundo o qual Comunicação e Organização se interdependem. Nesse contexto pode-se pensar

A relação de equivalência postula uma mudança radical no relacionamento comunicação/organização. Esta abordagem trata comunicação e organização enquanto processos isomórficos. Isto é, comunicação é organização, assim como, organização é comunicação. O trabalho de Taylor e seus colegas explora a equivalência entre comunicação e organização. Taylor (2006) também identifica-se com este pressuposto básico. A existência de todo sistema de organização social humano é condicional à comunicação, assim como tal sistema é uma estrutura na qual a comunicação ocorre. As organizações não apenas constituem-se pela comunicação, mas também se expressam em comunicação. (CASALI, p.04).

Alinhado à Equivalência tem-se ainda a Coorientação, outro pressuposto importante da Escola de Montreal. A Coorientação parte da premissa segundo a qual há um reconhecimento da intersubjetividade entre os sujeitos. Nesse contexto, a comunicação é vista a partir de uma perspectiva material/social na qual os sujeitos em relação de equivalência constituem a comunicação. Como a Escola de Montreal centra-se majoritariamente na figura do sujeito,

poder-se-ia questionar sobre as relações de poder que, não raro, oprimem e aprisionam os sujeitos que compõem as corporações. Sobre essa questão, os teóricos da Escola de Montreal certamente ponderariam que em tais situações não há o ato comunicacional. Nesse sentido, a Coorientação emerge não apenas uma perspectiva que busca entender a dimensão interpretativa do sujeito, os significados imanentes à determinada organização, mas também como um caminho possível, ainda que por vezes difícil de alcançar de maior alteridade entre os indivíduos nas organizações. É pertinente destacar que a visão da Escola de Montreal não refuta que haja processos de opressão/exploração ou degradantes - em casos mais críticos-, do sujeito. Mas busca compreender os processos de significação diante de tais interações.

* * *

A partir das considerações sobre alguns dos pressupostos da Escola de Montreal, as categorias sobre desgaste mental no ambiente do trabalho, alinhavadas por Seligmann-Silva (2011), são pertinentes no sentido de problematizar os processos organizacionais aqui tensionados entre o arcabouço da Escola de Montreal e a visão de cuidado ampliado de Ayres (2017; 2009). Edith Seligmann-Silva é uma referência brasileira no campo da saúde mental no universo do trabalho. Ancorado no conceito de *Desgaste*, cunhado inicialmente por Asa Cristina Laurell⁶, Seligmann-Silva (2011) oferece uma categorização do desgaste mental no ambiente do trabalho que pode ser apreendido em três dimensões que são apresentadas no Quadro 1.

QUADRO 1 – Níveis do Desgaste Mental no Trabalho

1- Quadros Clínicos que correspondem ao desgaste literal: desgaste orgânico. A saber: dano cerebral pela ação de substâncias neurotóxicas.
2- Variações do “mal-estar”: fadiga mental e física – alterações psicológicas e fisiológicas transitórias ou cumulativas.
3- Desgastes que afetam a subjetividade, atingindo a identidade do trabalhador através do ataque à dignidade e/ou da corrosão dos valores e do caráter.

Fonte: Seligmann-Silva (2011, p. 139)

Dessas dimensões apresentadas pela autora, vamos nos deter na terceira na medida que em nosso entendimento mais se aproxima dos pressupostos da Escola de Montreal e que, a

⁶ É uma médica sueca, radicada no México desde a década de 1970. Além da formação em Medicina, estudou sociologia e é uma importante referência na medicina social na América Latina.

nosso ver, podem ser explorados os processos comunicativos a partir da ótica da Comunicação como um objeto material/social que perpassa níveis e camadas concretos e ao mesmo tempo intersubjetivos.

O desgaste mental no trabalho, conforme assevera Seligmann-Silva (2011), deve ser observado a partir de alguns preâmbulos que, a nosso ver, também são processos de significação. Em primeiro lugar vê-se a *identidade em processo*, a *economia psicossomática* bem como a *corrosão do caráter*. A noção de *identidade em processo*, desenvolvida por Berger & Luckmann (2009) e aproveitada por Seligmann-Silva, é pertinente na medida em que se constrói -em nosso entendimento- a partir de processos de comunicação haja visto que:

A noção de identidade em processo permite o entendimento de suas de suas transformações de identidades mediadas pelas experiências do trabalho que se efetivam ao longo da vida. Essas transformações podem ser *positivas*⁷, isto é, fazer-se no sentido do enriquecimento da identidade ao máximo de seus potenciais, o que teria uma conotação de vitalização, ou seja, de acréscimos igualmente positivos à saúde. (SELIGMANN-SILVA, 2011, p. 148).

Essa dimensão apontada articula-se simetricamente com os pressupostos de equivalência e co-orientação. Entretanto, vê-se uma degenerescência e prejuízo ao indivíduo ao assumirmos que imanente ao ambiente das organizações há uma miríade de conjunturas que fazem caminhar no sentido oposto na medida em que os processos de significação demonstram que:

As vivências laborais podem conduzir também ao sentido contrário: as perdas que se fazem no nível da identidade e que correspondem a empobrecimentos⁸ de personalidade e, em consequência, de sociabilidade. Empobrecimento significa, aqui, perda de uma plenitude ou de um grau de desenvolvimento que já havia sido alcançado na trajetória pessoal. (SELIGMANN-SILVA, 2011, p. 148).

A contribuição pertinente que vemos nos estudos de Seligmann-Silva (2011) está em situar o problema do desgaste mental no entremeio da identidade mediada pelas experiências de trabalho e sobre como as vivências laborais podem levar ao empobrecimento da personalidade com consequências para a sociabilidade do sujeito. Essa ponte feita por Seligmann-Silva (2011) a partir da Economia Psicossomática preconizada por Christophe Dejours, segundo a qual esse empobrecimento ocorreria a partir de alterações “nas situações em que não é respeitada pela organização do trabalho” (SELIGMANN-SILVA, 2011, p. 148). Nesse contexto, o desgaste mental ocorre em dois flancos, sendo a porta de entrada a corrosão da identidade que reverbera sobre a personalidade do indivíduo e, por conseguinte, sua

⁷ Grifo no original.

⁸ Grifos no original.

vitalidade mental. Em seguida, a falibilidade da estabilidade da economia psicossomática pode ocorrer em meio a um processo de trauma ou de maneira cumulativa, esta segunda dar-se-ia por meio do transcorrer do tempo, ou seja, um período prolongado de exposição de perda da economia psicossomática. É

justamente entre esse tensionamento da falibilidade da economia psicossomática, que conforme asseverou Seligmann-Silva (2011) é a antessala do desgaste mental, e a dimensão do cuidado ampliado que buscamos encontrar um nexos possível com os processos comunicativos. A partir desse cenário, buscamos lastro nos estudos sobre o cuidado que conforme pontuou Ayres (2009; 2017) vem ganhando novas configurações para além da dimensão saúde, perpassando os campos da Sociologia, da Ética e, especialmente aqui neste trabalho nos estudos da psicodinâmica do trabalho e da intersubjetividade. Nesse sentido, podemos começar a compreender o cuidado a partir da ideia de que:

Parece haver algo de novo, ou pelo menos de um ímpeto renovador, na ênfase dada ao cuidado em anos recentes, e que revela certa afinidade em seus horizontes éticos: a recusa à “coisificação” das pessoas e das relações, resgate do valor de uma solidariedade social espontânea e criativa e, como corolário das perspectivas anteriores, a busca de superação de uma visão individualista e individualizante das ações humanas. (AYRES, 2017, p. 01)

Esse argumento, a nosso ver, plasma-se como um conduíte das noções de equivalência e co-orientação versadas pelos teóricos da Escola de Montreal e é, em nosso entendimento, um caminho de redução de vulnerabilidade da falibilidade da economia psicossomática, esta um elemento fundamental para a manutenção da saúde mental. O pressuposto de cuidado ao qual nos associamos neste trabalho caminha em consonância com a dimensão interpretativa da Escola de Montreal uma vez que redimensiona a maneira como se compreende as experiências cotidianas. Desta forma, o cotidiano passa ser fundamental para a compreensão da visão ampliada de cuidado na medida em que o cuidado parte de discussões de distintos campos com suas experiências materiais/sociais. A partir da miríade de frentes que pesquisam o cuidado, com suas especificidades, é pertinente salientar alguns eixos centrais que perpassam os diferentes campos que se dedicam a estudar o cuidado e constituir um nexos que proporcione um lastro que, ao mesmo tempo, alicerce sem, entretanto, solidificar sua compreensão. Nesse sentido, é pertinente ter em mente que:

esse entendimento e manejo nunca se dão de forma isolada, estritamente individual, mas são sempre construídos na, com e para as interações intersubjetivas em que estamos sempre imersos – já desde as nossas relações imediatas até aquelas das quais participamos com a mediação da cultura e das instituições. Conceituar e valorizar o cuidado é já uma forma de buscar apreender e lidar com essa intersubjetividade constitutiva de nossas existências de um modo ativamente interessado no “outro”, entendido não como meio ou destinatário passivo das nossas aspirações, por mais

nobres e necessárias que possam parecer, mas como co-construtor necessário de tudo o que possamos chamar de vida humana. (AYRES, 2017, p. 01).

Essa explicação, a nosso ver, abre-nos caminhos para repensar os processos comunicativos nas organizações de modo a compreender a complexidade humana, a pluralidade dos indivíduos e a miríade de processos de significação e criação permanente do cotidiano. Nesse sentido, o desgaste mental no universo do trabalho tem sido cada vez mais presente, sobretudo nas últimas décadas⁹, que se viu crescer o interesse pelo tema. Nesse sentido, as reflexões que congregamos aqui olham para esse eixo central com seus repertórios e fornecem olhares distintos para se pensar um mesmo problema. Com a Comunicação não é diferente. Longe de buscar da a solução, porque em realidades tão dissimilares e assimétricas configurar-se-ia uma prepotência lançar uma suposta solução que resolvesse o problema. Entretanto, conhecer as etiologias dessas problemáticas e apresentar proposições colaborativas, a nosso ver, se aproxima das táticas¹⁰ (individuais e coletivas) dos sujeitos frente às estratégias que, não raro, estão por trás das engrenagens que empurram os sujeitos à degeneração de sua identidade, relegando-o ao empobrecimento e falibilidade de sua economia psicossomática. Nesse sentido, vemos na dimensão do cuidado um caminho para essa “regeneração”, entretanto essa questão passa por inúmeras conjunturas (políticas, econômicas) do ambiente de trabalho. Nesse sentido, uma visão de comunicação alinhada aos pressupostos interpretativos como propõe a Escola de Montreal poderia dar o olhar e a contribuição da Comunicação a essa complexa teia. Por fim, retomando a metáfora alegórica, por nós utilizada, segundo a qual a comunicação é ao mesmo tempo um palco no qual transcorrem as cenas do cotidiano, assim como é elemento material/social dos atores que ali estão, acreditamos que um olhar para dimensão interpretativa dos sujeitos possam permitir que, a partir de suas táticas, eles possam inserir seus cacos nessas cenas do cotidiano. Tal situação em nossa compreensão está diretamente ligada a manutenção das *identidades em processo*.

Referências

AYRES, José Ricardo de C. M. Cuidado: interação e saber nas práticas de saúde. **Revista Baiana de Enfermagem**. Salvador. Vol. 31, 2017.

AYRES, José Ricardo de C. M. **Cuidado**: trabalho e interação nas práticas de saúde. 1ª ed. Rio de Janeiro: UERJ/IMS, 2009.

⁹ Aqui é pertinente destacar que os estudos da professora Edith Seligmann-Silva, no tocante à saúde mental do trabalhador, tiveram início no fim da década de 1970, quando ela se propôs estudar o caso dos trabalhadores da indústria de base de Cubatão a partir de uma pesquisa qualitativa.

¹⁰ Utilizamos os termos tática e estratégia na acepção de Michel de Certeau (2014).

BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. 31 ed. Trad. Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 2009.

CASALI, Adriana. Proposta de um Modelo de Análise do Processo de Comunicação Organizacional a partir das proposições da “Escola de Montreal”. Rio de Janeiro. **Anais do XXI Encontro Nacional da Ampad**, 2007.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**: arte de fazer. 22^a ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2014.

COOREN, François; TAYLOR, James Renwick; VAN EVERY, Elizabeth. **Communication as Organizing**: empirical and theoretical explorations in the dynamic of text and conversation. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 2006.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e Integrados**. São Paulo: Perspectiva, 2011. (Coleção Debates, v. 19).

GUATARRI, Felix. **Les Trois Écologies**. Paris: Éditions Galilée, 1989.

_____. **As Três Ecologias**. 21 ed. Trad. Maria Cristina Bittencout. Campinas: Papyrus, 2012.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no Século XX**: espírito do tempo (Neurose). São Paulo: Forense Universitária, 2008.

SCROFERNEKER, Cleusa Maria Andrade. Trajetórias teórico-conceituais da Comunicação Organizacional. **Revista Famecos**. Porto Alegre. Vol. 31, 2006.

SELIGMANN-SILVA, Edith. **Trabalho e Desgaste Mental**: o direito de ser dono de si mesmo. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

SONTAG, Susan. **A Doença como Metáfora**: aids e suas metáforas. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

TAYLOR, James Renwick. **Rethinking the Theory of Organizational communication**: how to read an organization. Norwood: Ablex Publishing, 1993.

_____. & VAN EVERY, Elizabeth. **The Vulnerable Fortress**: Bureaucratic Organization and Management in the Information Age. Toronto: University of Toronto Press, 1993.

_____. & VAN EVERY, Elizabeth. **The Emergent Organization**: communication as its site and surface. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 2000.